

Lygia e sua alquimia

Lina de Albuquerque

SÃO PAULO — O projeto Cultura de Primeira Classe — uma extensa programação que envolve literatura, artes plásticas e culinária — teve sua abertura oficial no sábado com um bonito depoimento da escritora paulista Lygia Fagundes Telles. Até o dia 17 de dezembro, Adélia Prado, Marina Colasanti e Rachel de Queirós — representantes, pela ordem, de Minas, Rio e Ceará — também contarão as suas trajetórias de escritoras para quem quiser ouvi-las na La Maison (Avenida Brasil, 525, em São Paulo), onde haverá paralelamente uma exposição de jovens artistas figurativos, venda subsidiada de livros de literatura e de culinária e amostragem das cozinhas típicas brasileiras.

Num sábado cheio de sol, um público composto especialmente por jornalistas e estudantes ouviu, deliciado, Lygia, que está comemorando 33 anos do lançamento do romance *Ciranda de Pedra*. Serena, bem-humorada e penetrante, ela dirigiu-se aos ouvintes durante quase uma hora, conseguindo enganá-los muito bem. É que todos, contaminados pela realidade fantasiosa da autora, tiveram a impressão de estar realmente "em casa" — isto é, na casa da escritora, ao lado dela, no escritório onde exercita a prodigiosa capacidade de imaginar, cercada de incensos e de outros objetos místicos.

Homenageada na véspera com um jantar bem caipira (sopa de milho verde, cuscus e doce de abóbora), mas preparado com sofisticação pelo emérito chef da empresa de fogões Continental, José Hugo Celidônio, a autora de *Mistérios, A disciplina do amor, As meninas e Verão no aquário* só não se lembrou de falar (como talvez fosse esperado, dada a natureza do evento) sobre um único tema: comida. Não precisou. Não houve quem ousasse interromper a sua alquimia de palavras, alimentados todos que estavam pelas coisas do espírito.

Trechos de seu depoimento:

Receptividade: "É dolorosa a falta de receptividade da imprensa com os escritores brasileiros. Vivemos num país invadido pelo triste lixo da literatura estrangeira, onde o espírito é relegado a um plano longínquo".

Arquivo



"Eu tenho uma natureza fantasiosa"

Drummond: "Fico triste quando percebo que no Brasil um escritor só é plenamente reconhecido com a sua morte. Mesmo assim, penso que ainda é melhor que ele seja lido algum dia, para que suas palavras se transformem na negação da morte".

Otimismo: "Estou num momento de otimismo, completamente envolvida na elaboração de meu novo romance, *As horas nuas*, como todas as vezes em que me apaixonei por seres reais. Esse é o meu livro da maturidade, ou da velhice, como diriam os inimigos".

Criação: "A criação é um ato de amor. Mas o amor é sempre exagerado. Os amorosos, no caso os artistas, têm a obrigação de fiscalizar esse ato. Falo do momento da lucidez, da disciplina, dos cortes e das correções — quando o escritor se torna até inimigo do seu trabalho, para poder arrancar dele o máximo possível".

Fantasia: "Eu tenho uma natureza fantasiosa. Herdei isso do

meu pai, que nunca soube lidar com negócios e perdeu tudo o que tinha na roleta".

Literatura e direito: "Nunca consegui conciliar o ato de escrever com a minha profissão de advogada. Mas precisava sobreviver e acabei me tornando procuradora do Estado. Até hoje não sei o que estava procurando".

Função do escritor: "O escritor aponta, através do frágil poder das palavras, as feridas do mundo. Mas não pode curá-las".

Política: "De repente, vejo o meu partido, o PMDB, desdizer tudo aquilo que antes apoiava. Isso me fere profundamente. Atualmente, estou distante dessa política que tem me desgastado tanto".

Fragilidade: "A nossa condição é a fragilidade. Ai do artista que se sentir seguro, realizado — esse artista estará liquidado".

Futuro: "Acredito biblicamente que o homem irá sobreviver, pairar sobre todas as coisas".

Mensagem: "Querida que cada qual cuidasse muito bem, nesse instante, da rosa do seu jardim. Eu a tenho cuidado através do meu texto".